



ATOS GOLPISTAS

Em defesa do diálogo para buscar pacificação

Pressionado para pautar o PL da Anistia, Motta prega solução negociada entre Poderes, a fim de evitar aumento da crise institucional. Ele diz que tema será tratado com "cautela e sensibilidade", fala em exageros nas penas, mas frisa haver outras prioridades para o país

» VANILSON OLIVEIRA

Pressionado por bolsonaristas para pautar o projeto de anistia aos golpistas do 8 de Janeiro, o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), afirmou que o tema será tratado com a "seriedade que merece", mas que o país tem outras prioridades. Ele mencionou, também, eventuais excessos na dosimetria das penas aos condenados pelos ataques extremistas.

"Eu defendo dois pontos para que a gente possa tentar vencer essa agenda. O primeiro é a sensibilidade para corrigir algum exagero que vem acontecendo com relação a quem não merece receber uma punição. E a responsabilidade de poder dar uma solução dentro desse problema, que é sensível, que é justo, e não aumentarmos a crise institucional que nós já estamos vivendo", afirmou, durante evento na Associação Comercial de São Paulo (ACSP).

Motta enfatizou que a anistia não é a pauta única do país, que tem outros problemas a serem resolvidos. "O Brasil é muito maior do que isso. Nós temos inúmeros desafios. Então, não vamos jamais ficar restritos a um só tema", declarou.

Ele ressaltou a importância do diálogo com Senado, Judiciário e Poder Executivo. "Vamos levar essa decisão ao colégio de líderes. Vamos conversar com o Senado e com os poderes Judiciário e Executivo, para que uma solução de pacificação possa ser dada. Aumentando uma crise, não vamos resolver esses problemas, não embarcaremos nisso", frisou.

O parlamentar também ressaltou ser legítima a obstrução feita pelo PL para pressionar pela votação do projeto, mas sinalizou que outras demandas urgentes também precisam ser avaliadas no Parlamento. "Vamos tratar as pautas dos outros partidos, não podemos ficar uma Casa de uma pauta só."

População é contra

Pesquisa Datafolha, divulgada ontem, mostrou que 56% da população é contra a anistia aos golpistas do 8 de Janeiro. Já 37% são a favor de perdoar os crimes cometidos pelos extremistas; 6% responderam não saber e 2% disseram ser indiferentes ao assunto. Foram entrevistados 3.054 eleitores de 172 cidades, entre 1º e 3 de abril. A margem de erro é de dois pontos percentuais para mais ou para menos.

O deputado disse, ainda, que "respeita todas as manifestações" sobre o assunto. No domingo, o pastor bolsonarista Silas Malafaia criticou o parlamentar pela falta de celeridade na tramitação do projeto de lei. "Se Hugo Motta estiver assistindo a isso aqui, espero que ele mude, porque você está envergonhando o honrado povo da Paraíba", disparou, no domingo, durante o ato na Avenida Paulista pela anistia aos golpistas. A manifestação foi convocada pelo ex-presidente Jair Bolsonaro para elevar a pressão sobre Motta.

Ontem, o líder do PL, deputado Sóstenes Cavalcante (RJ), afirmou que só faltam 64 assinaturas para que o requerimento que prevê anistia aos envolvidos no 8/1 avance diretamente ao plenário, sem necessidade de tramitação pelas comissões temáticas.

Sóstenes — que tem intensificado a articulação para viabilizar a votação do projeto em regime de urgência —, anunciou na rede X (antigo Twitter) uma estratégia que, segundo ele, foi orientada pelo ex-presidente Jair Bolsonaro. "Vamos, estrategicamente, adiar a publicação dos nomes dos parlamentares que assinaram e dos que ainda estão indecisos. Faltam 64 assinaturas. Seguimos firmes. O Brasil exige justiça. Cobre seu deputado!", escreveu.

Cesar Bruneli / ACSP



Vamos levar essa decisão ao colégio de líderes. Vamos conversar com o Senado e com os poderes Judiciário e Executivo, para que uma solução de pacificação possa ser dada. Aumentando uma crise, não vamos resolver esses problemas"

Hugo Motta (Republicanos-PB), presidente da Câmara

Centrão vê "tiro no pé"

Líderes e integrantes do Centrão na Câmara dizem não crer que o projeto de lei da anistia avance na Casa mesmo após o ato de domingo na Avenida Paulista, que levou dezenas de milhares de pessoas às ruas em apoio à pauta.

Na visão desses parlamentares, o ato demonstrou que o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) ainda tem força e capital político ao reunir sete governadores, além de deputados e senadores, mas que deu "um tiro no pé" ao permitir ao pastor Silas Malafaia fazer críticas ao presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB).

Pesa também, na leitura de líderes, que fazer a anistia avançar empoderaria ainda mais o PL,

partido que já tem a maior bancada da Câmara e que faturou algumas das principais comissões parlamentares, carregadas de emendas em 2025.

Na Avenida Paulista, Malafaia disse que Motta envergonha o "honrado povo da Paraíba" ao não pautar a anistia no plenário da Câmara.

Para deputados do Centrão mais presentes no plenário, incluindo alguns de baixo clero, é um erro atacar Motta, uma vez que essa postura dificulta o diálogo com ele e também incomoda a maioria dos parlamentares, que, segundo alguns ressaltaram, apoia o presidente da Casa. O paraibano teve 444 votos dos 513 deputados da Casa.

STF julga nova leva golpista

» MAIARA MARINHO

O Supremo Tribunal Federal (STF) começou a julgar, na sexta-feira, 17 réus acusados de incitação ao crime e de associação criminosa por envolvimento nos atos golpistas de 8 de janeiro.

O relator, ministro Alexandre de Moraes, manifestou o voto em 16 processos, indicando penas alternativas pela prática de associação criminosa. No voto, o magistrado condena os réus, em média, a um ano de reclusão com prestação de serviços à comunidade e realização de curso sobre Estado e democracia; proíbe o uso de redes sociais; determina multa; suspende passaporte e revoga porte de arma.

O único voto que ainda não foi apresentado é sobre o caso de uma mulher denunciada por incitação ao crime equiparada pela animosidade das Forças Armadas contra os Poderes constitucionais, por pedido de intervenção militar durante as manifestações públicas, e associação criminosa.

O julgamento ocorreu em plenário virtual, e os ministros da Corte devem incluir os votos até a próxima sexta-feira.

Os primeiros inquéritos para investigar a invasão e a depredação na Praça dos Três Poderes foram instaurados em 12 de janeiro de 2023. Até o momento, 3.172 ações foram registradas no STF; 144 pessoas presas (entre provisórias, definitivas e prisão domiciliar), 505 julgamentos, 497 condenados, oito absolvidos, 542 acordos homologados e 61 pedidos de extradição.

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

Trump dobra a aposta contra a China e causa pânico nos mercados

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ameaçou a China com tarifas adicionais de 50%, se Pequim não retirar suas taxas retaliatórias de 34% sobre os EUA. A escalada da guerra tarifária entre os dois gigantes da economia mundial provocou queda generalizada nas bolsas de valores de todo o mundo, principalmente na Ásia e na Europa. No Brasil, o Ibovespa, principal índice de desempenho das ações, abriu o mercado em queda de 1,7%, encerrando o dia com perda de 1,38%, enquanto o dólar fechou em alta, sendo vendido a R\$ 5,91.

Nos EUA, fecharam em queda o Dow Jones, de 0,91%, e o S&P 500, de 0,23%. O Nasdaq de alta tecnologia reagiu e registrou pequena alta de 0,10%, entretanto o S&P 500 VIX, o chamado "índice do medo", fechou com alta de 3,69%, em 46,98 pontos. Historicamente, os maiores patamares desse índice foram registrados na crise da Rússia, em agosto de 1998, quando fechou em 44,28; na crise financeira norte americana, em setembro de 2008, quando o tradicional banco de investimentos Lehman Brothers foi à falência e o índice fechou em 59,89; e

na pandemia de covid-19, em março de 2020, quando chegou a 53,54.

O S&P 500 VIX é chamado de "índice do medo" porque tem a capacidade de refletir o sentimento dos investidores em relação à incerteza e à turbulência do mercado nos EUA e, sobretudo, mundo afora. No estresse financeiro, é uma resposta rápida à seguinte pergunta: você prefere deixar de ganhar um determinado valor ou arriscar perdê-lo mediante a possibilidade de um bom rendimento? A primeira opção é a resposta da maioria das pessoas. O índice VIX procura mostrar ao mercado essa aversão ao risco.

Esse comportamento, comum do ser humano, foi estudado pelo economista Richard Thaler. Segundo ele, quando as pessoas estão em uma situação mais favorável, preferem não mudar nada e manter o que já têm. Isso só muda quando há algo importante para resolver e não se tem o direcionamento para isso. O VIX (sigla para volatility index) é um índice de volatilidade criado pela Bolsa de Valores de Chicago. Esse indicador reflete o desempenho das ações

das empresas que compõem o S&P 500 por 30 dias seguidos.

Valores mais altos indicam uma expectativa de maior oscilação de preços e incerteza, enquanto valores mais baixos sugerem maior confiança e estabilidade. Por isso, em tempos de crise, o VIX serve para medir a volatilidade esperada do mercado de ações, o sentimento dos investidores em relação à incerteza, o risco e a turbulência à frente no mercado de ações. Por isso mesmo, orienta para a tomada de decisões em momentos de crise financeira.

Perdas trilionárias

Como na situação de ontem, quando as quedas nas bolsas foram generalizadas: Nikkei 225 (Japão): -6,5%; Shanghai Composite (China continental): -6,4%; ASX 200 (Austrália): -3,8%; Kospi (Coreia do Sul): -5,2%; Taiex (Taiwan): -9,7%; STI (Singapura): -7,5%; Nifty 50 (Índia): -4,0%; Sensex (Índia): -3,7%.

Diante desses resultados, logo cedo, Trump foi às redes pedir para as pessoas não serem fracas e estúpidas. Não

adiantou muito, a Dax da Alemanha caiu quase 10% no início do pregão, enquanto o FTSE 100 do Reino Unido tinha uma redução de quase 6% e o índice Cac 40 da França estava registrando queda de 7%.

Trump atirou na China, mas acertou os principais aliados dos Estados Unidos na Ásia, Japão e Coreia do Sul, além da Austrália. Toyota, Honda e Nissan estão entre as empresas mais atingidas. O primeiro-ministro japonês, Shigeru Ishiba, ao mesmo tempo em que se aproximou da China, ainda tenta um acordo com Trump. O Japão é o maior investidor estrangeiro nos Estados Unidos.

China e Estados Unidos produzem quase metade dos bens globais. Com a ameaça de ontem, Trump escalou mais ainda a crise: "Se a China não retirar seu aumento de 34% acima de seus abusos comerciais de longo prazo até amanhã, 8 de abril de 2025, os Estados Unidos imporão tarifas adicionais à China de 50%, com efeito em 9 de abril", publicou em sua rede social.

Na conversa com jornalistas na Casa Branca, estabeleceu um horário: a China

tem até o meio-dia de amanhã para recuar. É um ultimato que fará desta terça-feira um dia de pânico nos mercados financeiros. Uma guerra comercial generalizada é temida por governos e empresas porque pode provocar uma onda inflacionária mundial, com aumento de matérias-primas, bens de consumo e serviços.

Teme-se um período de recessão econômica sem que se saiba como e quando se sairá dela. A retaliação chinesa mirou as empresas de tecnologia dos Estados Unidos, ao aumentar o controle sobre a exportação de terras raras para os EUA. Samário, gadolínio, térbio, disprósio, lutécio, escândio e ítrio são matérias-primas utilizadas na fabricação de chips para celulares, computadores, cartões e outros produtos tecnológicos.

Na sexta-feira, Alphabet (dona do Google), Amazon, Apple, Meta, Microsoft, Nvidia e Tesla, as gigantes da tecnologia, já acumulavam perdas de US\$ 1,8 trilhão. Ao todo, empresas listadas no mercado norte-americano perderam US\$ 6 trilhões em valor de mercado em apenas dois dias.